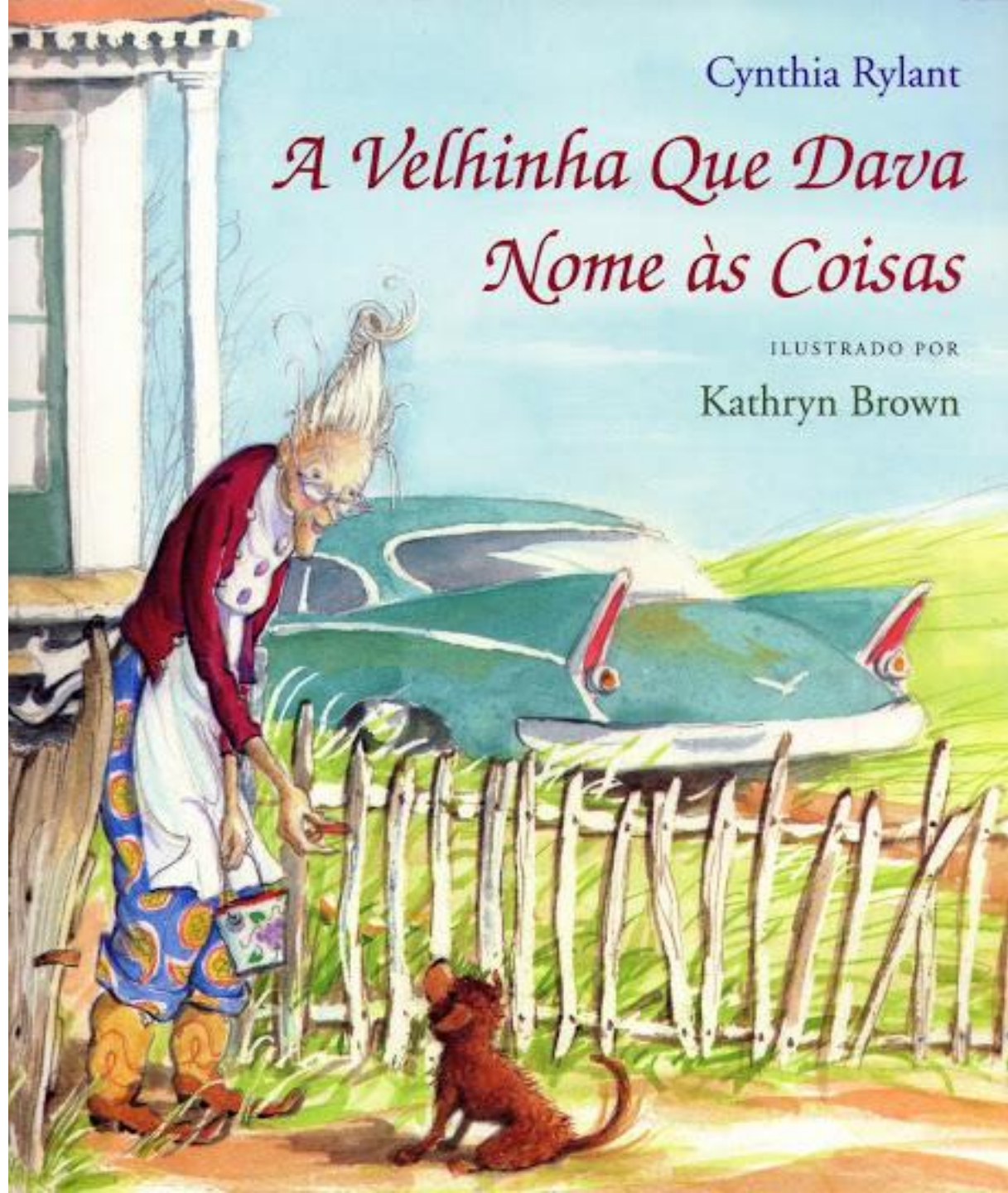


Cynthia Rylant

A Velhinha Que Dava Nome às Coisas

ILUSTRADO POR

Kathryn Brown





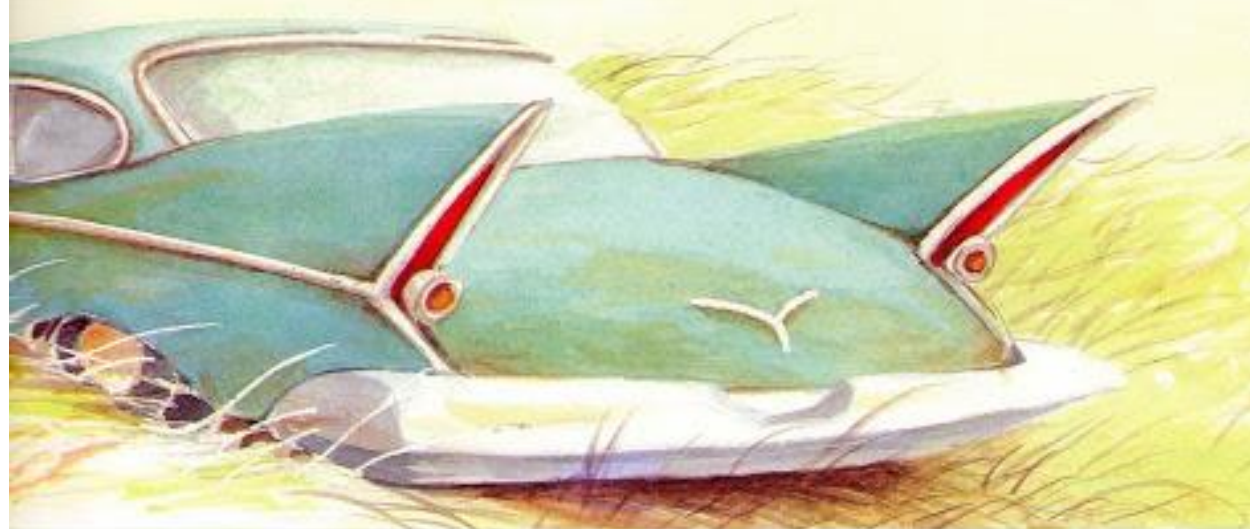
Era uma vez uma velhinha que adorava dar nome às coisas.

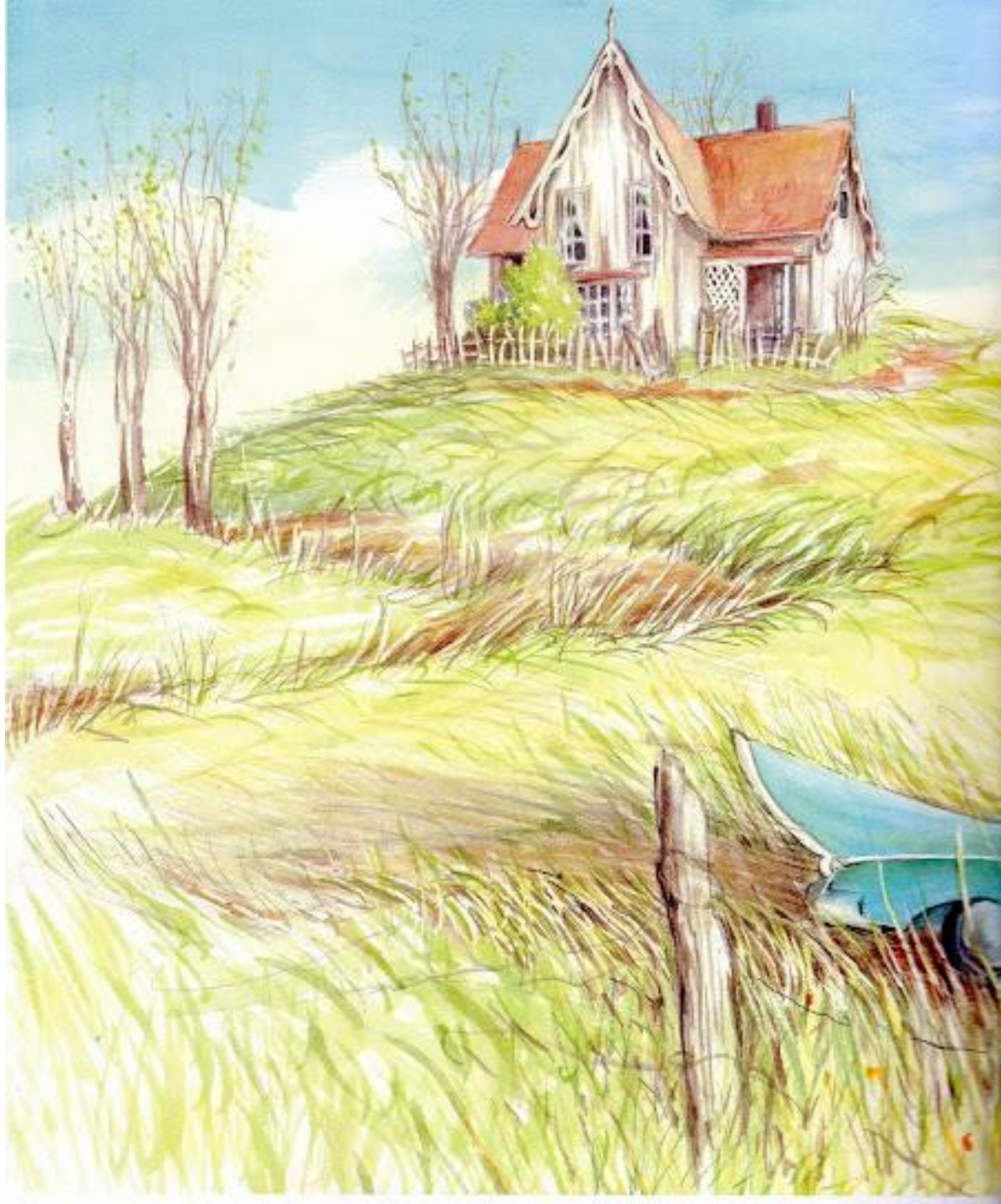
Ela apelidou seu velho carro de Beto.

A velha poltrona onde descansava apelidou de Frida.

Chamava a velha cama onde dormia de Belinha.

E à sua velha casa deu o nome de Glória.





Toda manhã ela se levantava de Belinha, tomava uma xícara de café sentada em Frida, trancava Glória e dirigia Beto até o correio. Ela sonhava em receber uma carta de alguém, mas tudo o que recebia eram contas.

A velhinha nunca recebia nenhuma carta porque todos os seus amigos já haviam morrido. Isso a preocupava. Ela não gostava da idéia de estar só, sem nenhum amigo, sem ninguém a quem ela pudesse chamar pelo nome.



Então ela começou a dar nome às coisas. Mas só dava nome às coisas que sabia que durariam mais do que ela. Seu carro, Beto, era mais forte e ágil do que qualquer outro; sua poltrona, Frida, continuava perfeita; e nunca ouvira nem um ranger ou estalido de sua velha cama, Belinha.



E sua casa, Glória, estava de pé há mais de cem anos e não parecia ter mais do que vinte.



A velhinha sabia que não sobreviveria a nenhuma dessas coisas e essa idéia a deixava tranqüila.



Um dia, quando ela estava lavando a lama de Beto, dizendo-lhe que Glória não gostaria de ser vista com um carro sujo à sua frente, um cachorrinho marrom apareceu no portão do jardim. (A velhinha não dera nome ao portão porque as dobradiças haviam enferrujado e ela sabia que o portão não duraria muito mais tempo.)

O cachorrinho abanou o rabo. Parecia estar com fome. De pé, ao lado de Beto, a velhinha ficou olhando para o cachorrinho demoradamente.

— Hummm — ela murmurou.

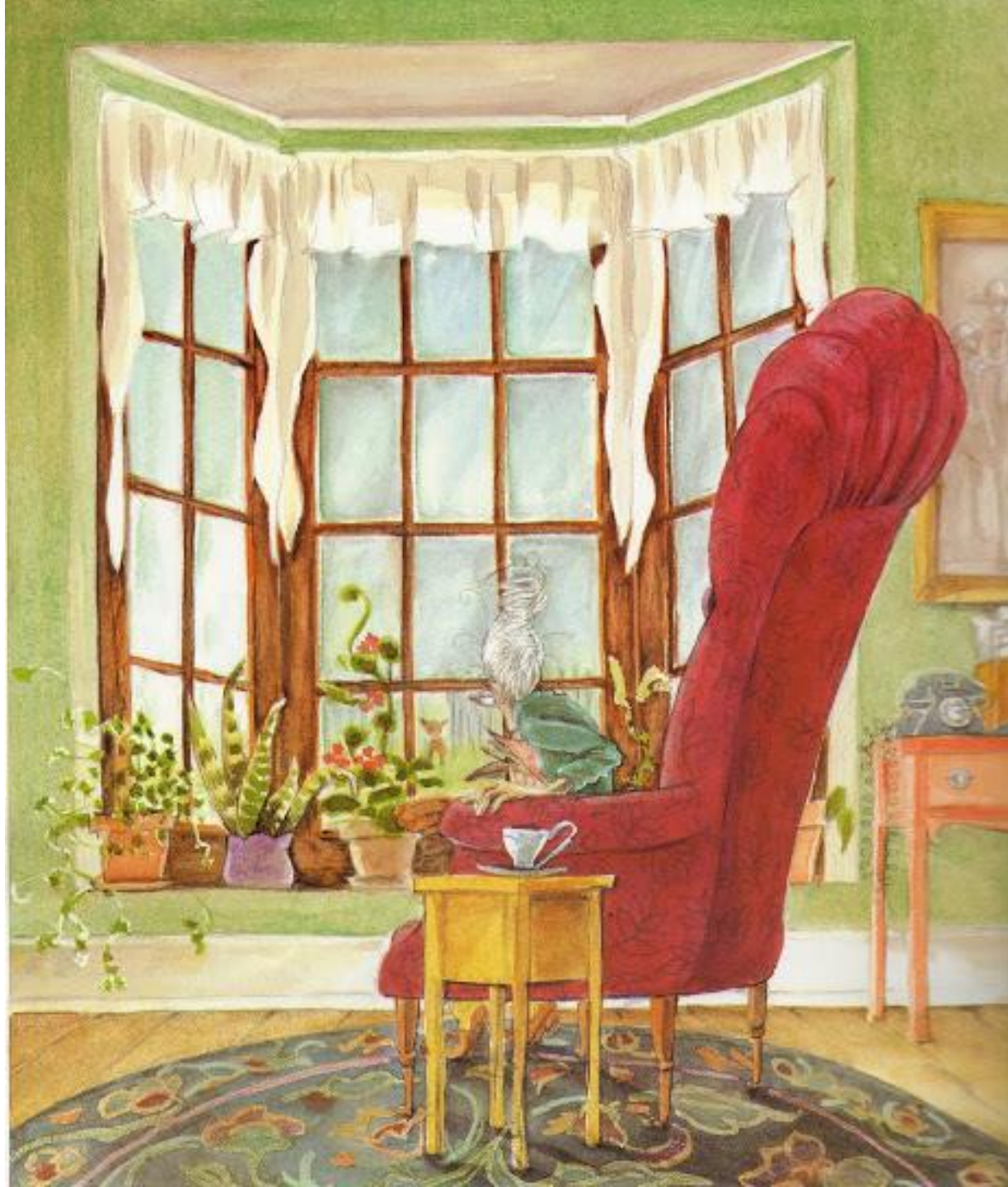




Então ela foi até Glória, pegou um pedaço de presunto na geladeira e saiu novamente.

Ela deu o presunto para o cachorrinho esfomeado e mandou que ele fosse para casa. Ela lhe disse que Beto sempre fazia os cachorrinhos passarem mal; que Frida nunca permitia que cachorros sentassem nela e que Belinha não comportava um adulto e um cachorrinho. Além disso, Glória não tolerava pêlo de cachorro.

E o cachorrinho foi embora.





Mas, no dia seguinte, lá estava ele de novo. A velhinha estava sentada em Frida, lendo um livro sobre sempre-vivas, quando viu o cachorrinho pela janela.

— Vá para casa! — ela gritou.

O cachorrinho abanou o rabo quando a viu.

— Vá para casa! — ela gritou mais uma vez.

Mas o cachorrinho continuou abanando o rabo. A velhinha notou que ele ainda parecia ter fome, então ela foi até a geladeira.

Ela lhe deu um pedaço de queijo e dois biscoitos, e o mandou embora novamente.

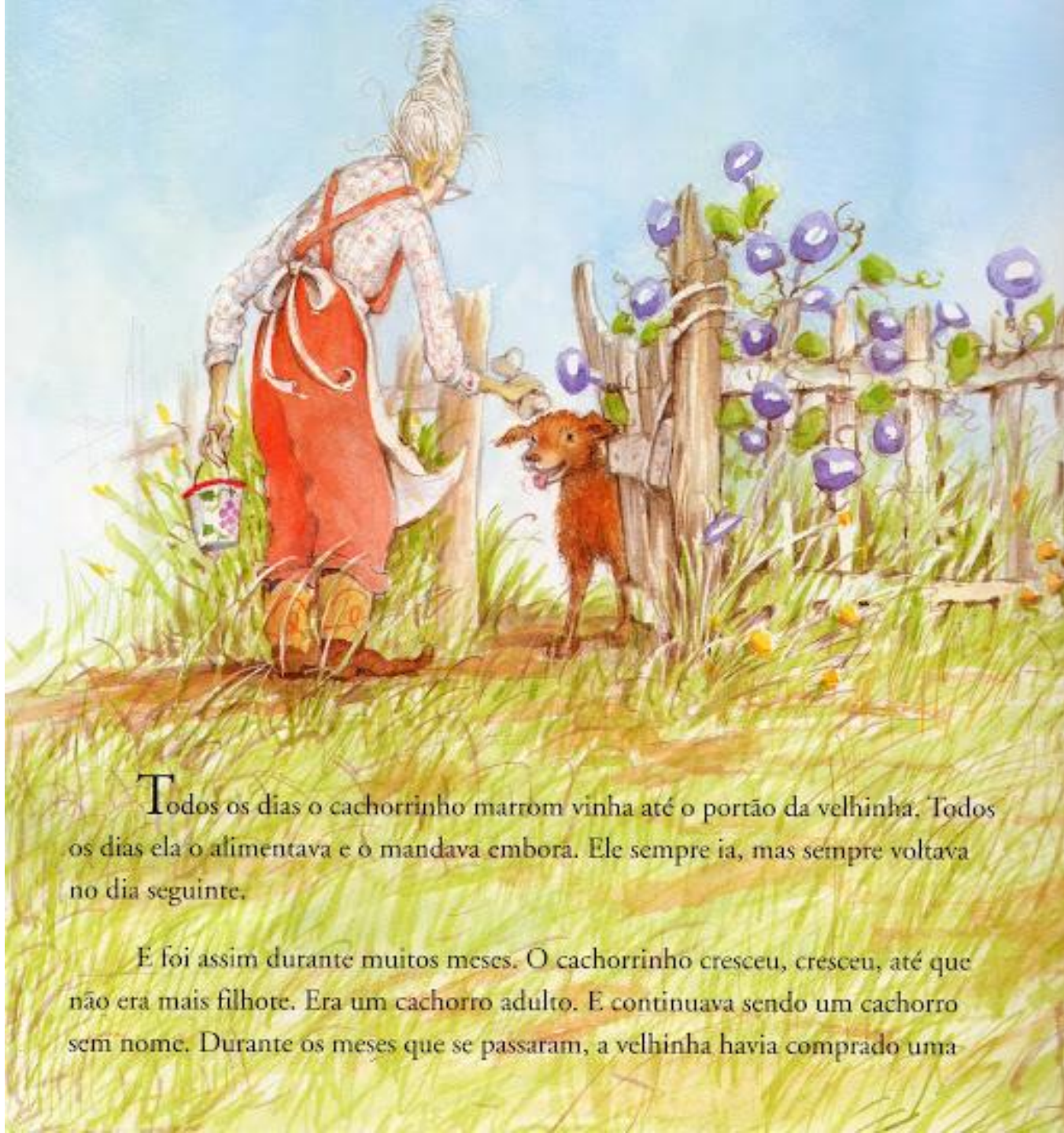
E ele foi.



Naquela noite, enquanto afofava o travesseiro de Belinha, ela pensou no cachorrinho. “Ele é tão bonitinho”, pensava ela. “É muito bonitinho mesmo”, continuou pensando.

Mas ele não podia ficar. Se ficasse, ela teria de dar um nome ao cachorrinho. E ele nunca duraria tanto quanto Glória, Frida, Beto ou Belinha. Talvez ela durasse mais do que ele e não queria arriscar. Ela não queria viver mais do que qualquer outro amigo.

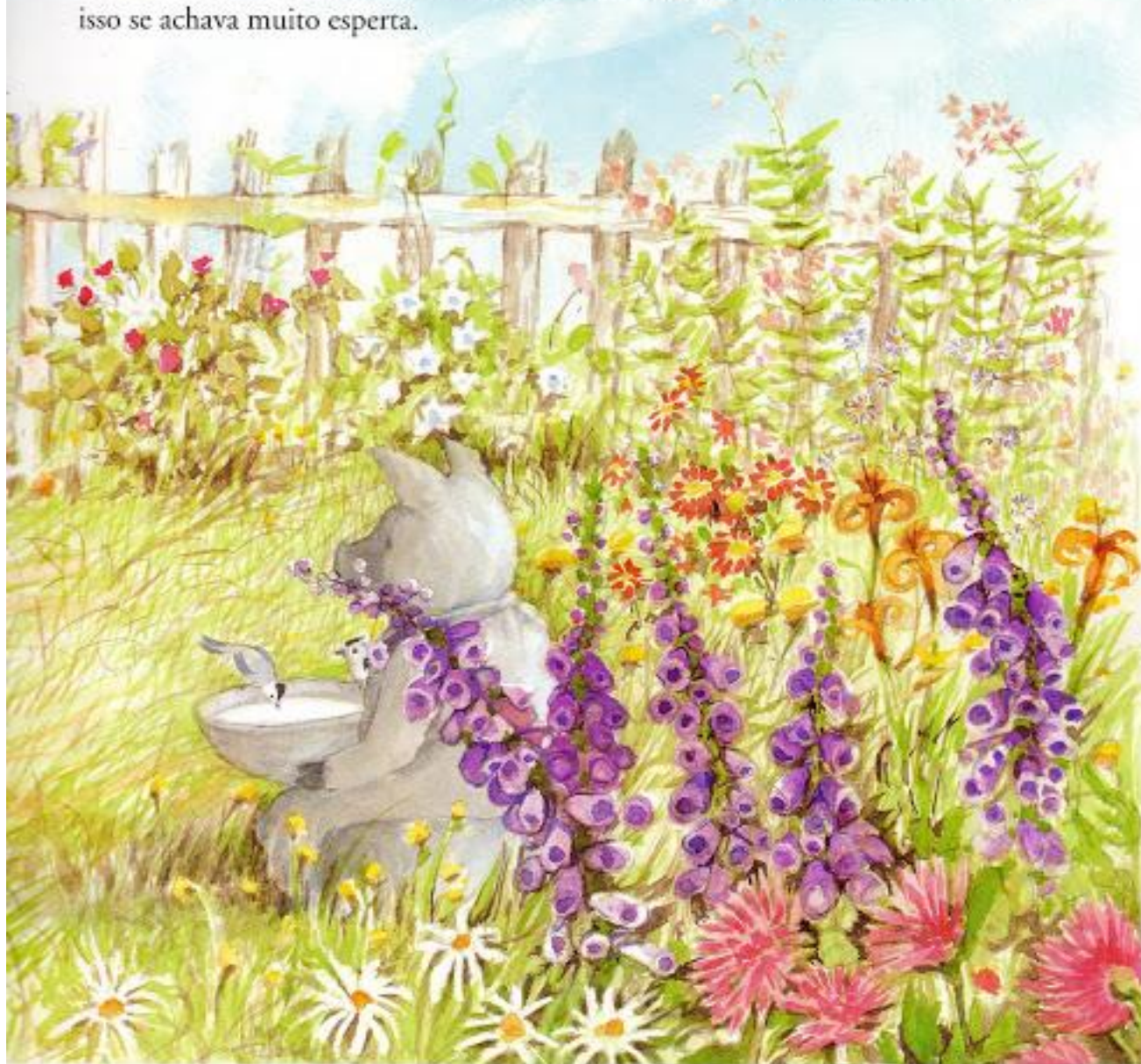
Era melhor continuar mandando-o embora.



Todos os dias o cachorrinho marrom vinha até o portão da velhinha. Todos os dias ela o alimentava e o mandava embora. Ele sempre ia, mas sempre voltava no dia seguinte.

E foi assim durante muitos meses. O cachorrinho cresceu, cresceu, até que não era mais filhote. Era um cachorro adulto. E continuava sendo um cachorro sem nome. Durante os meses que se passaram, a velhinha havia comprado uma

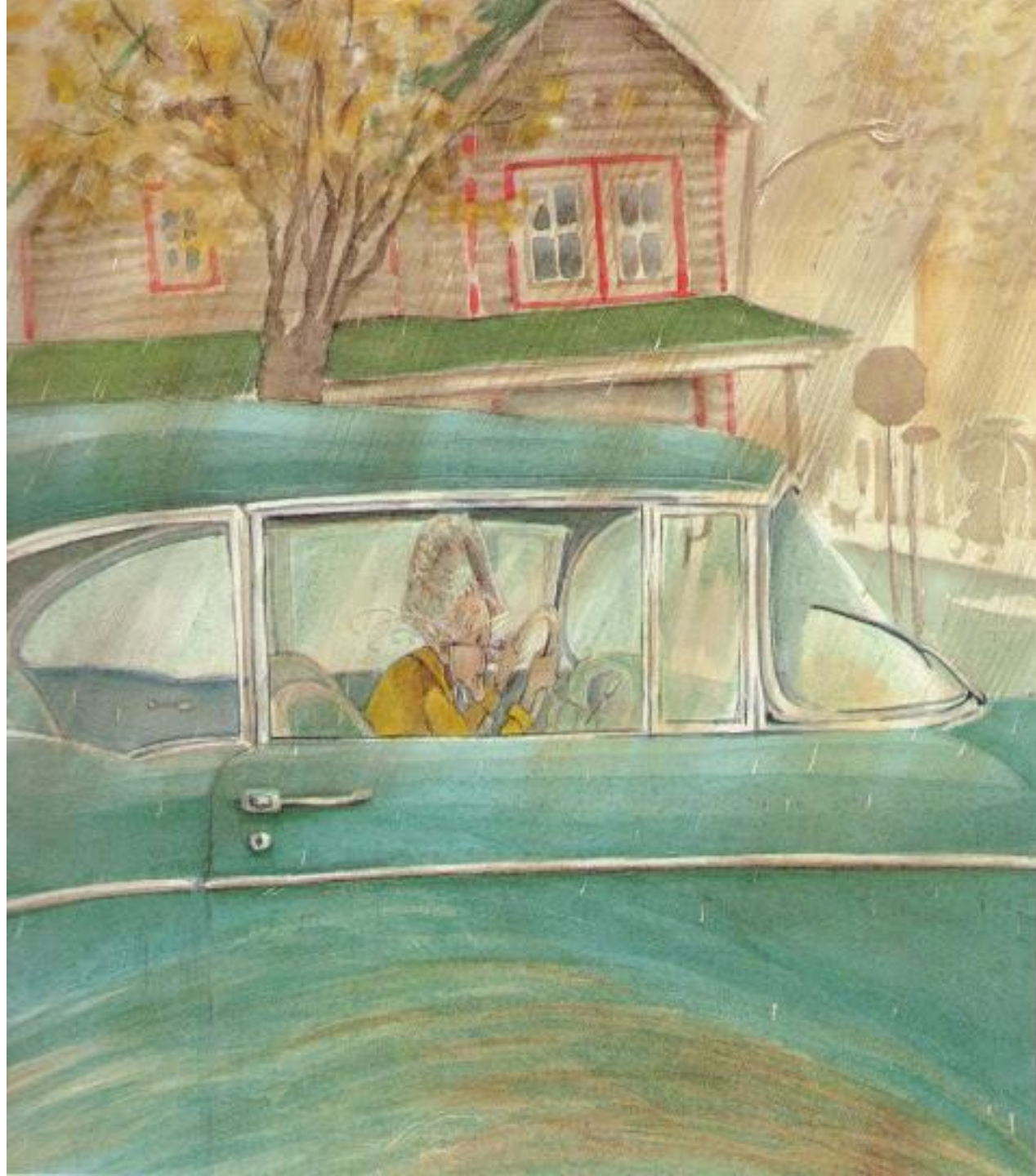
cômoda nova, que apelidara de Berta, um carrinho de mão, que apelidara de Fred, e um porco de cimento para seu jardim, que apelidara de Caco. Mas o cachorro que ela alimentava fielmente todos os dias no portão ainda não tinha nome. Como não tinha nome, a velhinha não se preocupava em sobreviver a ele, e por isso se achava muito esperta.





Um dia o cachorro marrom não apareceu na casa da velhinha. Sentada em Frida, ela ficou de olho no portão o dia inteiro, mas o cachorro não veio. A velhinha ficou triste.

No dia seguinte, novamente, o cachorro não apareceu. A velhinha dirigiu Beto pela cidade procurando o cachorro, mas não o encontrou. Ela ficou mais triste ainda.



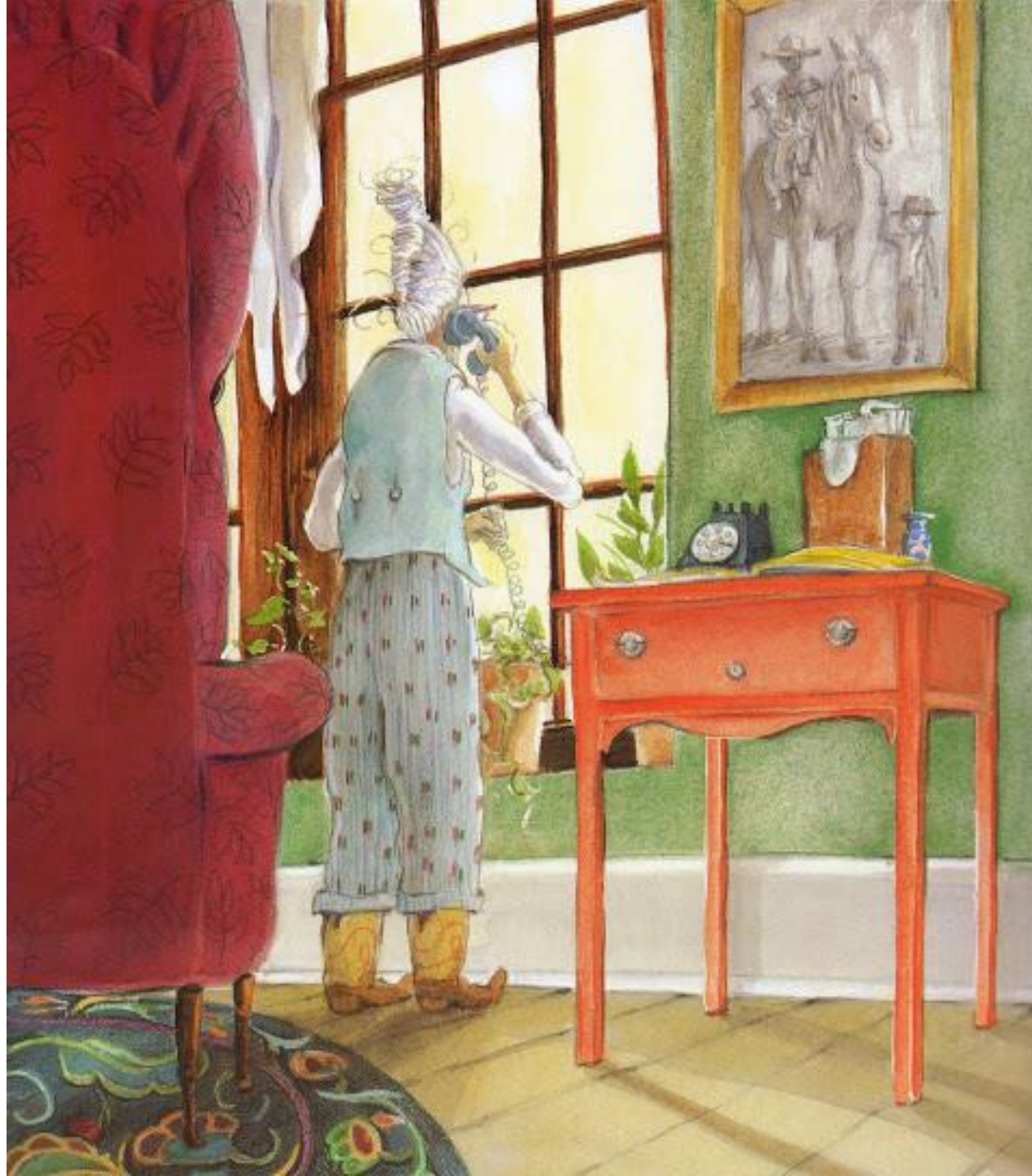
No dia seguinte ao dia seguinte, quando o cachorro ainda não havia aparecido, a velhinha entendeu que tinha de fazer alguma coisa.

Ela pegou o telefone e ligou para o canil da prefeitura.

— Vocês pegaram algum cachorro marrom? — ela perguntou ao encarregado do canil.

— Temos um canil cheio de cachorros marrons, madame — ele respondeu.
— O seu estava usando coleira com o nome dele?

— Não — respondeu, tristemente, a velhinha. E desligou o telefone.





A velhinha sentou-se e ficou pensando no cachorro marrom que não tinha coleira com um nome. Onde quer que estivesse, ninguém saberia que ele tinha de vir todos os dias até seu portão para que ela lhe desse de comer e o mandasse embora depois; que as coisas tinham de ser sempre dessa forma. O cachorro marrom não tinha coleira, não tinha nome e ninguém poderia saber sobre sua história.

A velhinha tomou uma decisão. Trancou Glória, entrou em Beto e foi até o canil da prefeitura. Ela falou para o encarregado:

— Vim procurar o meu cachorro.

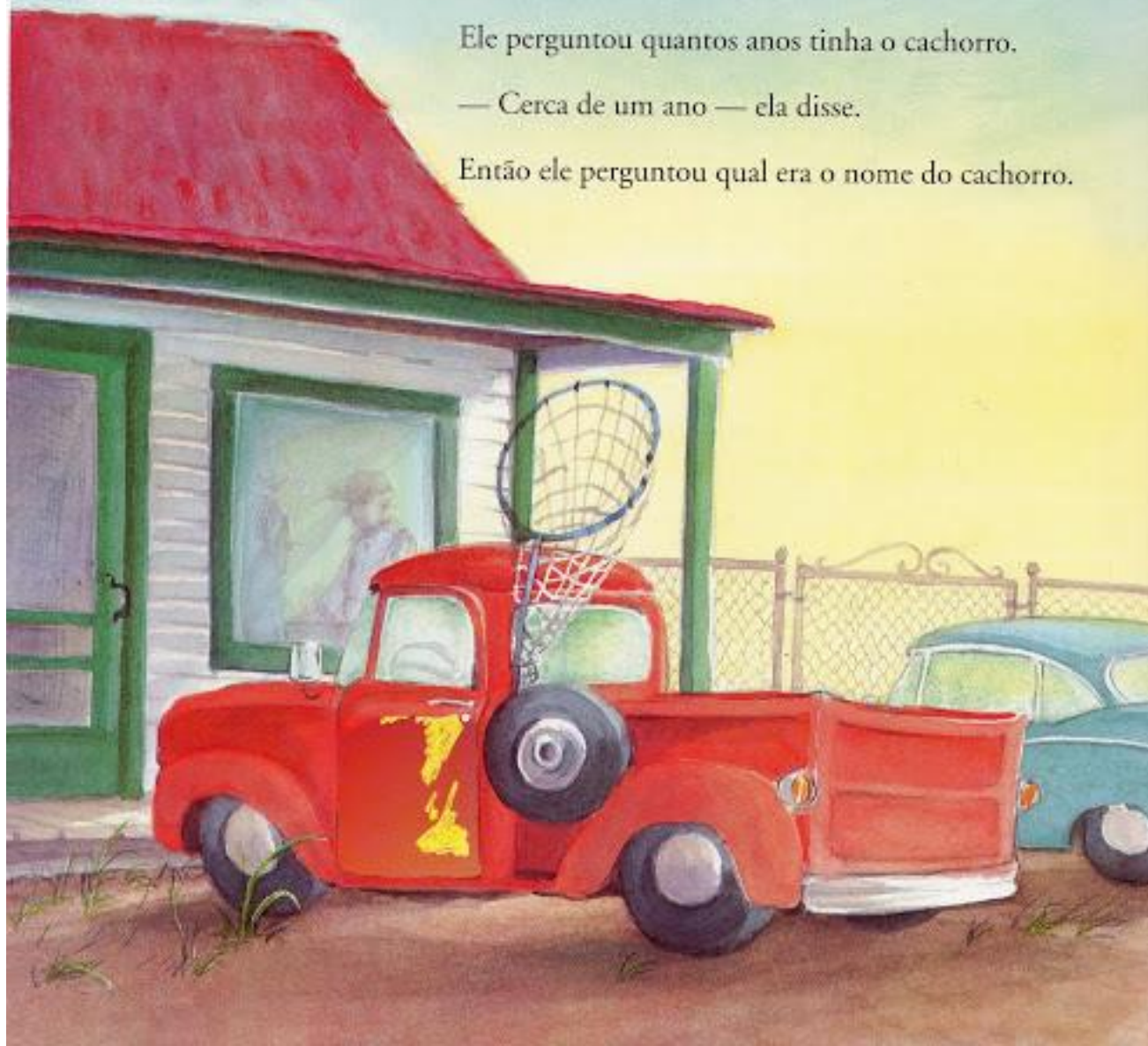
Ele perguntou de que cor era o cachorro.

— É marrom — ela respondeu.

Ele perguntou quantos anos tinha o cachorro.

— Cerca de um ano — ela disse.

Então ele perguntou qual era o nome do cachorro.





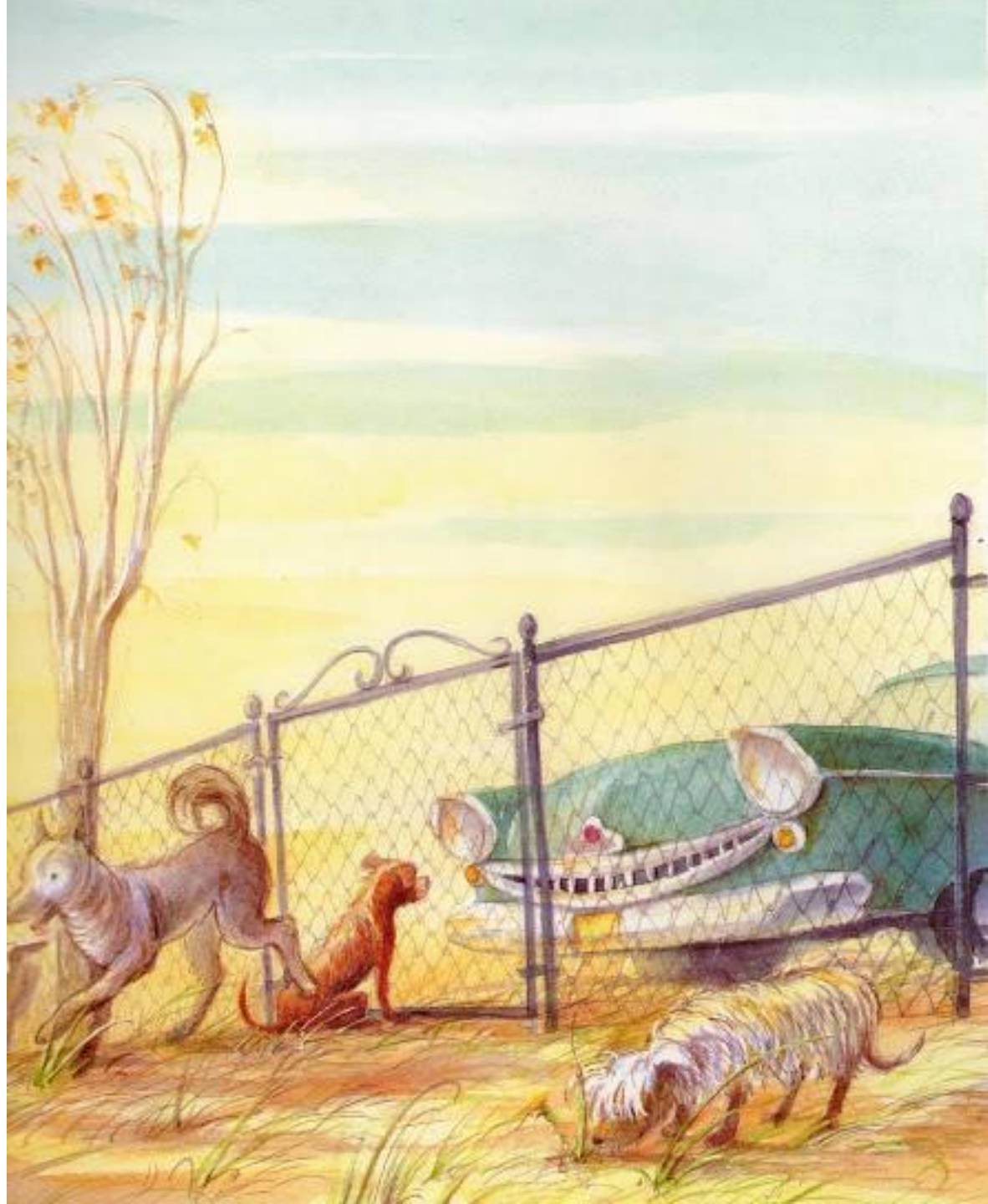
A velhinha pensou um pouco. Lembrou-se dos nomes de todos os amigos queridos aos quais ela havia sobrevivido. Viu seus rostos sorridentes, lembrou-se de seus nomes e pensou em como tivera a sorte de ter conhecido esses amigos. "Sou uma velha sortuda", ela pensou.

— O nome do meu cachorro é Sortudo — ela disse ao encarregado do canil.

O encarregado do canil a levou até um grande quintal cheio de cachorros brancos, cachorros pretos e cachorros marrons. A velhinha olhou ao redor até que avistou seu cachorro marrom sentado em frente ao portão. Ele estava olhando para Beto, estacionado ali fora.

A velhinha gritou: — Aqui, Sortudo! — e, ao som de sua voz, o cachorro marrom veio correndo.

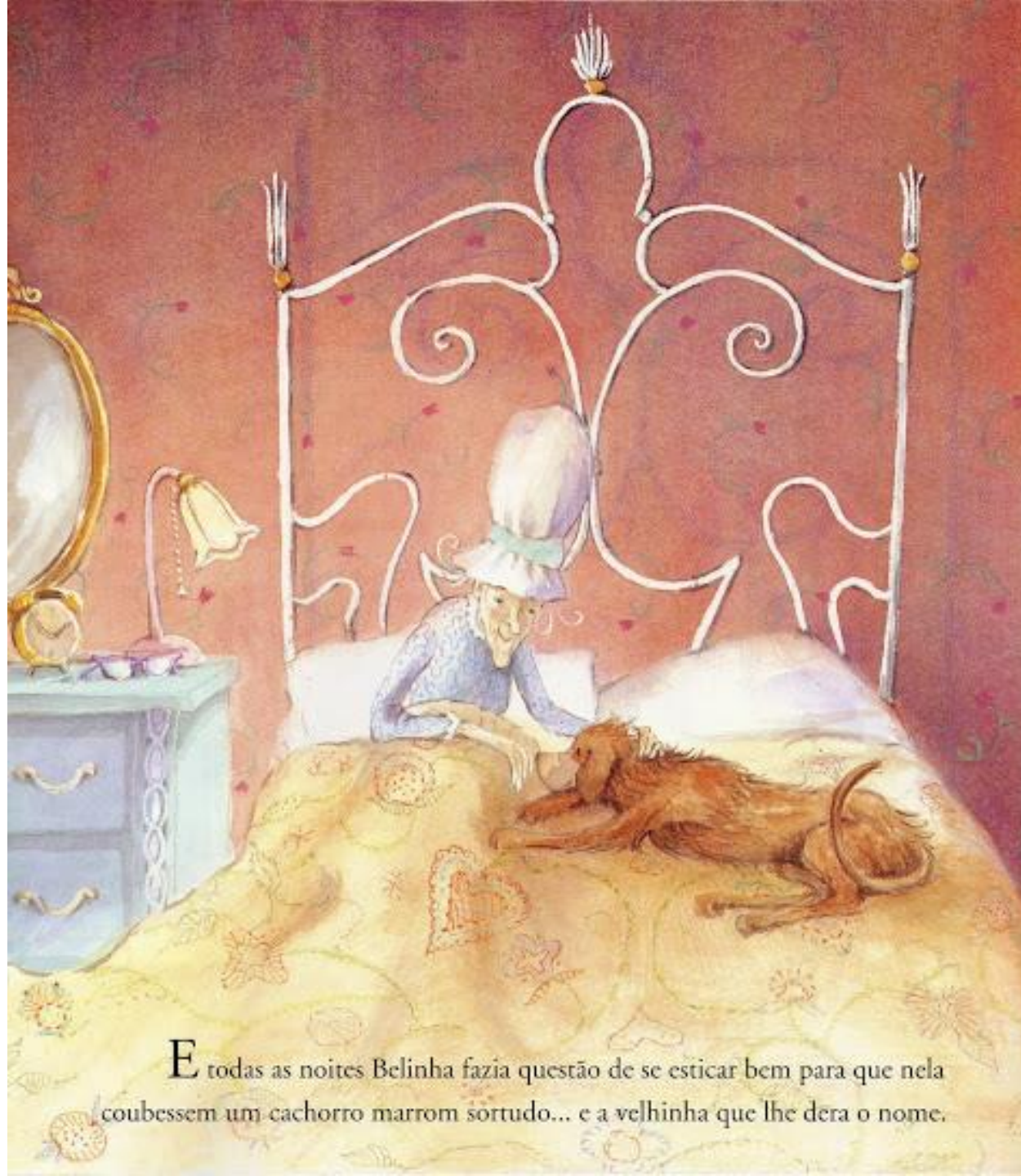




Daquele dia em diante, Sortudo morou com a velhinha e sempre obedecia quando o chamavam pelo nome. Parece que Beto não fazia mal a todos os cachorros e Frida não se incomodou de ele sentar nela. Glória também não ligou para os pêlos do cachorro.







E todas as noites Belinha fazia questão de se esticar bem para que nela
coubessem um cachorro marrom sortudo... e a velhinha que lhe dera o nome.